

As representações psíquicas dos pais acerca de seu filho portador de deficiência mental: construções e desconstruções

Resumo

Este artigo tem por finalidade, num primeiro momento, realizar uma análise sobre as “representações psíquicas” nos pais acerca do nascimento de um filho considerado como saudável. Em seguida, pretende estender esta análise, levando em consideração “as construções e desconstruções dessas representações psíquicas nos pais, em casos de filhos portadores de necessidades especiais com deficiência mental”, particularmente, nos primeiros momentos após o nascimento.

Palavras-chave: Representação psíquica (psicanálise); representação social; relacionamento pais-filho-deficiência mental.

Abstract

The primary aim of this article is to make an analysis on the psychic ideas that parents have concerning to the birth of a healthy child. Secondly, it intends to widespread this analysis, “taking into account the building up of these psychic ideas concerning to the parents who have children with particular needs proper of mental deficiency”, mainly those related to the first moments after birth.

Key words: *psychic idea (presentation); social idea (presentation); psychoanalysis.*

Fabiana Wanderley Moreira*
Fernando Antônio de Barros
Góes**

Ao filho:

Não sou eu que te gerei.

São os mortos.

São meus pais e seus ancestrais.

Sinto sua multidão, somos nós e, entre nós, tu e teus descendentes, filhos que hás de gerar.

Os derradeiros e os do vermelho Adão.

Sou estes outros também.

A eternidade está nas coisas do tempo que são formas pressurosas.

Jorge Luiz Borges “Al hijo”, 1977

*Mestre em Educação/UFPE,
Professora – FAFIRE.

Consultora e pesquisadora
com atuação na área da
educação especial.

**Mestre em Psicologia
Clínica/UNICAP, pós-graduado
em Psicologia Social e da
Personalidade/FAFIRE.

Professor substituto/URFPE.
Psicólogo e pesquisador com
atuação na área da educação
especial.

Material recebido em
outubro de 2004 e selecionado
em março de 2005

O processo de espera durante a gestação e a conseqüente preparação do casal para o nascimento de um filho estabelecem desde logo a existência idealizada desse filho, o qual é desejado que nasça saudável, sem deficiências. Por conseguinte, a constatação da deficiência mental na criança representa para os pais a perda do filho até então idealizado.

[...] a aceitação desse filho "diferente", através da construção de novas representações psíquicas que contemplem a nova realidade, pode proporcionar um "novo nascer", um verdadeiro encontro entre pais e filho.

A confirmação de que a criança é portadora de deficiência mental apresenta-se como um transtorno psicológico importante para a família, pois se torna uma fonte poderosa de constantes conflitos que repercutem, profundamente, não apenas nos pais e demais membros do grupo familiar como também, de forma muito significativa, na própria criança, dada a relativa restrição de sua capacidade de elaboração das situações de ordem psicológica, cognitiva, ao longo de sua vida.

Durante todo o percurso de convívio com a pessoa portadora de necessidades especiais, ocorrem várias situações por meio das quais os pais estarão submetidos a freqüentes movimentos de rejeição e aceitação, de forma consciente ou inconsciente, em relação ao seu filho, em função da possibilidade (ou não) de elaborarem psiquicamente o fato de que ele não é plenamente saudável.

Nessa complexa situação de comportamentos conscientes/inconscientes e afetos ambivalentes, a aceitação desse filho "diferente", por meio da construção de novas representações psíquicas que contemplem a nova realidade, pode proporcionar um "novo nascer", um verdadeiro encontro entre pais e filho.

Para que esse encontro se viabilize, de forma profunda, é necessário que os pais elaborem e superem o enorme estado de estranheza causado pelo filho que nasceu, em função deste ser muito diferente do filho até então idealizado. Essa idealização ocorre em função do próprio narcisismo de cada um dos pais e é contemplada também com marcas e significações sociais calcadas nas concepções do 'perfeito', do 'estético', do 'harmônico'.

Assim, torna-se necessário que eles construam novas idealizações, levando, agora, em consideração, um novo ideal para esse filho que se constituiu na realidade. Ou seja, todo o projeto anterior desses pais terá que ser refeito ou re-significado para que, conseqüentemente, possam ofertar novos significantes ao filho que nasceu com "falhas", podendo continuar proporcionando e lhe dirigindo investimentos libidinais.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-JUN/05

47

O objetivo deste artigo é o de fazer algumas considerações sobre as representações psíquicas dos pais em relação ao nascimento de um filho e, posteriormente, estender essa análise, considerando as construções e des construções dessas representações psíquicas de pais em casos de filhos portadores de necessidades especiais. Para tanto, serão focalizados, particularmente, os primeiros momentos depois do nascimento, logo após a constatação, pelos pais, de que seu filho é portador de necessidades especiais com deficiência mental.

2. O que representa, para os pais, o nascimento de um filho?

Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro. [...]

O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos.

(Freud, 1927)

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-JUN/05

48

Ao fazer uma reflexão mais abrangente sobre o que representa para os pais o nascimento de um filho, é possível responder, inicialmente, que há uma inquietação humana decorrente da dificuldade ou impossibilidade de compreender a origem da vida, bem como aceitar a finitude ou a morte.

Dentre outras formas, tal inquietação pode ser elaborada pela grande maioria das pessoas, por meio do evento do nascimento ou, mais especificamente, por meio do nascimento de um filho, sendo este, não apenas considerado pelos pais, como aquele que proporcionará a imortalidade do seu Ego (negando, assim, a finitude), como também aquele que concretizará os sonhos que não conseguiram realizar.

Assim, o período de gestação e de espera para o nascimento de um filho, normalmente, é vivenciado pelos pais com bastante expectativa, quando, então, a criança passa a ser intensamente idealizada e lhes provoca, desde logo, grande investimento libidinal, evocando desejos, sonhos e um (re)encontro de sua própria história nesse filho.

Em situação de normalidade da estrutura psíquica, a mãe, durante a gravidez, já atribui ao filho 'um corpo imaginado' diferente da 'realidade do feto'. Este 'corpo imaginado' torna-se objeto de investimentos afetivos, sendo importante destacar sobre essa questão os seguintes aspectos:

É a partir deste 'primeiro significante' — o 'corpo imaginado do filho' — que se constitui e se ordena a dimensão imaginária, ou seja: tudo aquilo que pertence à ordem da representação do objeto, enquanto objeto do desejo e suporte da palavra.

(AULAGNIER-SPAIRANI E ROCHA, 1981:76)

Após o nascimento, os pais, salvo exceções, estabelecem com a criança um vínculo libidinal constituído por contatos físicos, palavras, olhares, gestos carinhosos, planos para o futuro, desejos a serem realizados. Enfim, passa a existir uma ligação, um projeto com e pelo filho, ao qual a perfeição é atribuída de forma supervalorizada.

A explicação sobre quais as razões que levam os pais a produzirem essas demandas para com os filhos é fornecida por Freud (1914), em "Sobre o narcisismo: uma introdução", no qual considera que:

Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo, que há muito abandonaram.

[...] Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho (o que uma observação sóbria não permitiria) e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele.

[...] a doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas a seu favor; ela realmente será mais uma vez o âmagô da criação — 'Sua Majestade o Bebê', como outrora nós mesmos nos imaginávamos. A criança concretizará os sonhos doutrados que os pais jamais realizaram.

[...] O amor dos pais, tão comovedor e, no fundo, tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior.

(FREUD, 1996: 97-98)

Como acabou de ser exposto, o amor dos pais pelo bebê, originariamente, é o "renascimento" de seus próprios narcisismos [amor de si mesmos], projetado e transformado em amor objetal pelo filho, no qual se (re)conhecem, se identificam, introjetando este objeto libidinal [o filho] no Ego, valendo salientar que:

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa.

[...] primeiro, a identificação, constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ele se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no Ego; [...]

(FREUD, 1996, Vol. XVIII: 115;117)

A referência ao “ideal do ego” está, então, contextualizada no relacionamento narcísico dos pais com o filho: “O que ele [o indivíduo] projeta diante de si como sendo seu ideal é o maior substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 1996, Vol. XIV, p. 101). Contudo, Freud acrescenta, posteriormente, que:

“[...] além do seu aspecto individual esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal de uma família, uma classe, uma nação”.

(*ibid.*, p. 108)

Dessa forma, os “aspectos culturais” do “ideal do ego” são projetados no filho que, quando adulto, projetará seu “ideal do ego” no seu próprio filho, criando-se um mecanismo em que este “ideal está na raiz da herança cultural de uma geração para outra”. A este respeito, Freud (1932) afirma que:

[...] o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo de tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmite de geração a geração [...]

(FREUD, 1996, Vol. XXII: 73)

A família é, pois, um núcleo de transmissão dos valores culturais. Todo sujeito tem seu projeto identificatório esboçado antes mesmo do nascimento, constituído por uma herança psíquica dos pais, já marcada e influenciada pela cultura, e por determinações próprias de cada sujeito, que estabelecerão sua constituição subjetiva.

Com tudo isso, configuramos então uma análise sobre a ‘representação’ dos pais acerca do nascimento de seu filho e as vicissitudes daí decorrentes. No bojo desses pressupostos, vale salientar que o termo “representação” (*Vorstellung*), anteriormente mencionado, deve ser compreendido conforme foi conceituado na metapsicologia freudiana, nos termos referidos por Laplanche e Pontalis (1995: 448-449):

Vorstellung” [representação] faz parte do vocabulário clássico da filosofia alemã. Freud, no início, não altera sua acepção, mas o uso que dele faz é original. [...] Tem sido notada muitas vezes a influência que teria exercido em Freud a concepção de uma verdadeira mecânica das representações (Vorstellungsmechanik) de Herbart.

Todo sujeito tem seu projeto identificatório esboçado antes mesmo do nascimento, constituído por uma herança psíquica dos pais, já marcada e influenciada pela cultura, e por determinações próprias de cada sujeito, que estabelecerão sua constituição subjetiva.

Numa análise mais focalizada, podemos observar quando Laplanche e Pontalis (1995) assinalam que Freud faz um uso original do termo *Vorstellung*: estão se referindo ao fato de que ele transfere a ênfase dada pela filosofia clássica a este termo, enquanto “algo que representa subjetivamente um objeto para aquilo que o objeto vem se inscrever nos sistemas mnésicos”, enquanto “traços investidos de um quantum afetivo”. Dessa forma, faz sentido que se refiram não apenas à **representação consciente** (representação de palavra), como também à **representação inconsciente** (representação de coisa).

Laplanche e Pontalis (1995) ainda ressaltam que Freud faz uma distinção, embora com pouca clareza, entre traço mnésico e representação como investimento do traço mnésico, conforme assinado abaixo:

Apesar de estar sempre presente implicitamente no uso freudiano a distinção entre traço mnésico e representação como investimento do traço mnésico, nem sempre é colocada com nitidez. E isto, sem dúvida, porque é difícil conceber no pensamento freudiano, um traço mnésico puro, isto é, uma representação totalmente desinvestida quer pelo sistema inconsciente, quer pelo sistema consciente.

(*ibid*: 449)

Considerando o acima exposto sobre ‘representação’ (*Vorstellung*), é importante observar que, depois de ocorrer efetivamente o nascimento da criança, o filho representado no sistema psíquico do pai e/ou da mãe como ‘filho idealizado’ será comparado ao bebê que se constituiu na realidade.

Surge, então, uma nova configuração, que é obtida por meio do resultado de semelhanças e diferenças dessa comparação, possibilitando a constituição de uma outra representação psíquica do filho, que será inscrita na cadeia simbólica de cada um dos pais, sem transtornos ou dificuldades.

O que foi há pouco referido pode ser, então, considerado como uma **prova de realidade** sobre a qual Laplanche e Pontalis (1995: 383) descrevem duas funções, a saber:

[...] uma, fundamental, que consistiria em diferenciar o que é simplesmente representado do que é percebido e que instituiria, por este fato, a diferenciação entre o mundo interior e o mundo exterior; e outra que consistiria em comparar o objetivamente percebido com o representado, de forma a ‘retificar’ as eventuais deformações deste.

Cabe, agora, em função dos objetivos deste artigo, considerar a situação em que, ao nascer ou após o nascimento, se constata que a criança é portadora de necessidades especiais, com deficiência mental. Como se operam as primeiras representações no sistema psíquico de cada um dos pais?

3. Um encontro inesperado

(A constatação pelos pais de que o seu filho nasceu / tornou-se portador de necessidades especiais, com deficiência mental).

Quando eu soube, eu realmente vi meu mundo desabar, mas como uma pessoa que sabia do problema e que realmente iria fazer o quê?!

Eu ficava me perguntando: Por que, meu Deus? Por que eu fui escolhido pra ter essa criança? [...] eu li na época, é que de cada 1.000 crianças que nasciam, uma nascia Down. Aí, eu me perguntei na época, disse: Por que eu? Entre mil, eu fui escolhido pra ter uma criança como essa? Realmente, foi um desespero total!

O nascimento de uma criança, geralmente, é um momento de alegria, um evento público, compartilhado e celebrado com parentes e amigos. Entretanto, quando ocorre a confirmação posterior de que a criança tem necessidades especiais, tal situação causa um **trauma psíquico**, originando grande inquietação e angústia nos pais e na família, tornando-se um choque frente ao inesperado, revestido de um caráter sinistro, ominoso.

O pai e a mãe têm dificuldade de encontrar nessa criança vestígios ou marcas que se ajustem às representações do que eles desejam que seja seu filho, de acordo com os seus ideais. Como afirma Jerusalinsky (1988, p. 63):

A ruptura narcísica que se opera nos pais faz com que eles tropecem com sérias dificuldades para encontrar nessa criança traços que se ajustem ao simbólico, de tal modo que possam ser considerados dignos e à altura do Ideal que sua cadeia significativa havia previamente estabelecido.

Ocorrem transtornos na relação narcísica dos pais com o filho, o qual é muito diferente daquele até então idealizado e desejado. Os pais não conseguem se (re)conhecer nesse 'estranho' (*Unheimlich*) que chegou com uma 'falha', não sendo possível cumprir o destino que, no desejo dos pais, lhe foi traçado.

A chegada desse filho causa uma *ferida narcísica* no pai e na mãe, colocando em questão a história de cada um deles, trazendo transtornos em suas relações intersubjetivas e marcadas por muita frustração e dor.

A facticidade em que surge a criança decepcionante — que não se deseja conhecer ou que não se deseja (re)conhecer e que se tornou um objeto de difícil introdução na cadeia simbólica dos pais — lhes determina não só a perda de ideais, como também a "morte" do filho idealizado.

Nesses primeiros momentos, os contatos com o filho constituído na realidade, ou seja, com aquele que possui 'falha' constatada no real do corpo, são sofridos. Arias (apud Franco Jiménez, 2000: 141) afirma que: *Entonces se realizan em um primer momento, com el niño, intercambios penosos. Su madre deprimida ve em él la corporización de um monstruo. Y su proprio ser es sentido em la dimensión de lo siniestro, ya que ella lo há engendrado.*

4. A "morte" do filho idealizado

[...] Agora digo: o pai que souber de uma notícia dessa, ele não vai jamais ter força no momento, ou vai ali...por mais que a mãe ou o pai de alguma criança assim ... só o tempo Fernando ... Você não tem tempo prá morte? Pra você realmente aceitar assim: não é aceitar, mas você se sentir um pouco melhor da morte de perder seu filho do que for ... pronto, a gente aceitar nossos filhos assim, realmente é o tempo. (grifos nossos)

A grande possibilidade de eclosão de depressão melancólica nesses momentos é muito pertinente, ressaltando que, nesses casos, o que é levado em consideração é uma perda do objeto idealizado, em que o filho desejado não foi confirmado na realidade.

A grande possibilidade de eclosão de depressão melancólica nesses momentos é muito pertinente, ressaltando que, nesses casos, o que é levado em consideração é uma perda do objeto idealizado, em que o filho desejado não foi confirmado na realidade.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-JUN/05

52

Como visto nos tópicos anteriores, para os pais ocorre uma quase impossibilidade do filho, antes desejado, se assemelhar ao filho visível da realidade, pois existe uma distância significativa entre um e outro, determinada pela deficiência constituída. Este fato dificulta o processo de identificação e provoca uma perda do objeto idealizado, uma desilusão, com as características da perda na melancolia.

Segundo Freud, em seu texto Luto e melancolia (1996, Vol. XIV: 251), “essa perda traz os seguintes aspectos: [...] as causas excitantes se mostram diferentes [comparadas às do luto], pode-se reconhecer que existe uma perda de natureza mais ideal. O objeto talvez não tenha realmente morrido, mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor”.

Sendo assim, a tal perda desse filho idealizado tem a característica de ser a perda de um ideal, ou seja, a perda de um objeto que não se constituiu efetivamente na realidade.

Os pais reconhecem que, apesar de terem ganho um bebê, inexplicavelmente houve uma perda de algo idealizado que esse filho da realidade não pôde comportar. Por não ter sido confirmado na realidade, o filho idealizado, que contém o sujeito-bebê (narcisismo) de cada um dos pais e não conseguiu ser re-inscrito no filho que nasceu na realidade material, retornará ao Ego de cada um deles.

A sombra desse objeto [filho desejado] será uma referência ao superego/ideal do ego de cada um dos pais, possibilitando que, como instância, faça cobranças ao seu respectivo ego, pelo fato de o pai e a mãe não terem gerado um bebê sem deficiência, permanecendo sempre desejada a vinda do filho saudável.

No contexto de tais discussões, vale novamente ressaltar que “[...] no plano utópico, o ideal do ego representa uma formação narcísica que nunca é abandonada” (LAPLANCHE E PONTALIS, 1995: 290) e, portanto, os pais permanecerão sempre com o “narcisismo ferido”, demandando reparação.

É importante, ainda, destacar que concomitantemente a esse momento de desilusão, (“Morte” do filho idealizado), marcado pela chegada do filho portador de necessidades especiais e constituído na realidade objetiva, surgem, nos pais, sentimentos de ‘estranhamento’ com relação a esse filho, pelo fato de lhes serem ativadas as mais diversas ‘representações sociais’ sobre a deficiência mental, as quais já habitavam antes as suas cadeias associativas. A esse respeito, serão feitas algumas reflexões a seguir.

5. A influência das representações sociais nas construções e desconstruções iniciais das representações psíquicas dos pais

Porque tudo o que a gente ouvia era é que o Down era molinho, ficava muito com a língua prá fora, não falava praticamente nada, era todo bobalhão, bobão e a gente não queria que acontecesse com a nossa criança [...].

[...] Ai, ai, me vinha na cabeça crianças paraplégicas, crianças extremamente doente mental, que fica muito... numa cama, que fica muito sentado, que... então, eu fui percebendo que não era aquilo. Então, eu... eu... eu fui, eu diria assim, me adaptando mais a ele... ele a mim e aí a gente foi criando um vínculo de amor, de amizade, que perdura até hoje e eu acho que vai perdurar por muitos anos [...].

A subjetividade humana é construída na e pela cultura. Conseqüentemente, pais sofrem influências do ambiente cultural, no qual a deficiência mental é expressa por representações sociais abrangentes e impregnadas de qualidades desfavoráveis.

Os pais, em decorrência de suas próprias experiências de vida, acumulam então conceitos, crenças, valores, geralmente negativos, a respeito da deficiência mental, os quais compõem 'representações sociais' que circulam no seu ambiente cultural. Essas 'representações sociais' constituem referências iniciais para construções de suas 'representações psíquicas' ligadas ao filho que nasceu com falhas.

Por isso, desvelar o discurso dos pais sobre um filho portador de necessidades especiais é compreendê-lo num contexto mais específico de sua realidade, que determinará múltiplos significados de um discurso [...]

Por isso, desvelar o discurso dos pais sobre um filho portador de necessidades especiais é compreendê-lo num contexto mais específico de sua realidade, que determinará múltiplos significados de um discurso, pois, conforme assinala Pêcheux (1971: 102): "as palavras mudam de sentido segundo as posições assumidas por aqueles que as empregam".

Nesse contexto, as representações sociais da deficiência mental são influenciadas pelos padrões de nossa sociedade capitalista contemporânea, que valoriza a capacidade de autonomia dos indivíduos, refletida nos ideais máximos a serem alcançados, como a capacidade de produzir, consumir e acumular riquezas.

Para obter sucesso social, pressupõe-se capacidade de alto grau de competitividade, requisito que é imposto a todos para atingir meta estabelecida como ideal, que é a de ser o nº 1, o primeiro ou o melhor, de acordo com padrões das denominadas "sociedades do espetáculo" (Debord, 1990).

Acreditamos que, nos modos de subjetividade capitalista que ainda sofrem influências do racionalismo de Descartes (1596/1650) — "penso, logo existo" — ter déficit intelectual implica em não poder pensar e, conseqüentemente, não poder existir. A razão e a desrazão são consideradas como excludentes e sem comunicação. A deficiência mental passa a ser o não pensar ou o não ser, condições estas que impedem o indivíduo portador de necessidades especiais de competir, consumir e de acumular riquezas, ou seja, está fora do circuito de troca.

Nessa perspectiva de análise, podemos nos valer das contribuições do sociólogo Tarle (1993), a respeito da teoria das trocas.

Para ele, se configura como a teoria mais sistemática, mais universal, sendo considerada a mais desenvolvida da antropologia, aquela que afirma que "[...] quem está fora do circuito de troca é considerado louco [...]", acrescentando ainda, como segue:

De alguma forma, todos têm que passar por uma sociedade de linguagem[...]. O que é uma sociedade de linguagem? Ela é formada por um código, que estabelece as formas e modalidades de dar e receber, de devolver, acumular por uma rede de trocas. As trocas podem ser de três níveis: palavras, objetos, mulheres. Essa é a teoria da troca na Antropologia. O casamento é realmente dar aquilo que me é proibido usar, que é a filha, a mãe, a prima-irmã, não importa; e receber em troca a contrapartida. Esta pode ser uma análise interessante, porque o louco seria aquele que está incapacitado de participar do mínimo circuito de troca, de uma forma socialmente, culturalmente previsível [...] (p. 86).

Dentro desse contexto, podemos considerar que as representações sociais da deficiência mental, oriundas do ambiente cultural, devem estar, geralmente, associadas à loucura e/ou doença mental.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

JAN-JUN/05

54

**Dessa forma, é oportuno perguntar:
– Como, para os pais, cabe aceitar algo que
se aprendeu a desvalorizar culturalmente?**

As representações sociais se caracterizam, segundo Vala (1996: 151), por serem “[...] organizações de crenças, atitudes e explicações [...] que são produzidas no quadro das comunicações cotidianas suscitadas pelas identidades sociais”. A deficiência mental, sob o olhar da razão, liga-se a um sistema classificatório de operações médicas relacionadas aos sintomas e às causas. Portanto, fica oportuno assinalar que “a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal” (FOUCAULT, 1975: 71).

Nesses termos, os pais, ao se depararem com o nascimento de seu filho “especial”, ficarão, também e, desde logo, submetidos a um sentimento de estranhamento, causado pelas mais variadas representações sociais sobre a deficiência mental que, *a priori*, circulam no ambiente cultural e que, como foi dito anteriormente, são impregnadas de qualidades negativas.

A partir dessa perspectiva psicossocial, na qual, de uma forma geral, a deficiência mental se identifica com a loucura/doença mental, é que surgem para os pais as primeiras representações psíquicas de seu filho e que, com o passar do tempo e o contato direto com ele na realidade material, certamente, serão reconstruídas e re-significadas.

Portanto, torna-se relevante assinalar, conforme já exposto, que falar sobre representação social da deficiência mental não é a mesma coisa que falar sobre representações psíquicas do pai e/ou da mãe em relação ao seu filho portador de necessidades especiais, com deficiência mental. Estas últimas revestem-se de um caráter singular, de acordo com a experiência individual e constituição subjetiva de cada pai e/ou mãe a que se venham referir.

Levando, agora, em consideração as concepções sobre o **ideal do ego**, sabe-se que essa instância também se forma a partir do que é posto social/culturalmente e se constitui como fator de transmissão cultural. Dessa forma, é oportuno perguntar: —Como, para os pais, cabe aceitar algo que se aprendeu a desvalorizar culturalmente?

Acrescentando a essa questão os outros aspectos já discutidos sobre as dificuldades de identificação e introjeção nos pais do filho que nasceu com falhas, pode-se dimensionar o quanto lhes será importante elaborar novas representações psíquicas do filho que contemplem essa outra realidade, reconstruindo um novo projeto para a criança que nasceu.

6. Considerações finais

Em síntese, acreditamos que a análise das construções e desconstruções das representações psíquicas dos pais sobre seu filho oferece uma compreensão do conflito decorrente da constatação daqueles de que seu rebento é portador de necessidades especiais, com deficiência mental.

Em outros termos, o trauma causado pelo nascimento da criança decepcionante se constitui, originariamente, pela restrição ao desejo de plenitude narcísica e imortalidade egóica dos pais. Esse fato estabelece uma espécie de “âncora no tempo”, impedindo o acontecimento de novos momentos de realizações junto a filhos com falhas que se constituíram na realidade objetiva.

Enquanto um filho idealizado não vier a ser renunciado de forma significativa; enquanto não for minimizado o desejo de sua confirmação na realidade objetiva, um porvir não surgirá plenamente e sim ocorrerão dificuldades de uma abertura egóica dos pais para acolhimento, na cadeia simbólica, das novas representações psíquicas do filho com falhas, para o qual será necessário que ocorram novas idealizações, novos projetos, viabilizando-o, assim, de forma plena e profunda:

Um grande encontro entre pais e filho!

Referências Bibliográficas

- AULAGNIER, Piera. **A violência da Interpretação: do Pictograma ao Enunciado**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BORGES, J. L. **Obra Poética**. Buenos Aires: Emece, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- JIMÉNEZ, Franco. El Niño com Síndrome de Down y sus Padres. In: PLÁ e CARRIZOSA. **Sujeto, Inclusión y Diferencia**. México: Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco, 2000. P. 141.
- FREUD, S. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução: (1914). In _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV.
- _____. Luto e Melancolia: (1914). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV.
- FREUD, S. Psicologia do Grupo e Análise do Ego: (1921). In _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVIII.
- _____. O Ego e o Id: (1923). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.
- _____. O Futuro de uma Ilusão: (1927). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI.
- _____. Novas Conferências Introdutórias da Psicanálise: (1933). In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXII.
- GÓES, Fernando Barros. **Os Pais e seu Filho Portador de Necessidades Especiais/Deficiência Mental: um Encontro Inesperado**. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Católica de Pernambuco — UNICAP, 2004.
- JERUALINSKY, Alfredo. **Psicanálise e Desenvolvimento Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- LAPLANCHE, J. **Vocabulário de Psicanálise: Laplanche e Pontalis**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MOREIRA, Fabiana Wanderley. **Expressões e Silêncios do Discurso Cidadania-Deficiência Mental: uma Abordagem Histórico-Discursiva do Plano Estadual de Educação 1988-1991**. Dissertação de Mestrado, Recife: UFPE, 1997.
- NICOLAÏDIS, N. **A Representação — Ensaio Psicanalítico**. São Paulo: Escuta, 1989.
- PÊCHEUX, M. **Analyse du Discours**. Paris: Dunot, 1971.
- ROCHA, Zeferino. Narcisismo: Abordagem Freudiana. In: _____. **Relatório Oficial do IV Congresso do Círculo Psicanalítico da Bahia**. 1981. Texto mimeografado.
- ROUDINESCO & PLON. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SINASON, Valerie. **Compreendendo seu Filho Deficiente**. In: **Clínica Tavistock-Série Elsie Osborne**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- TARLEI, Luiz. **Relativizando a Loucura: Revista Boletim**. n° 9, p.86, 1993. Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- VALA, J. **As Representações Sociais no Quadro dos Paradigmas e Metáforas da Psicologia Social**. João Pessoa: UFPB, 1996.